

# *O requinte na prosa de Edgard Telles Ribeiro*

*Stânia Nágila Vasconcelos Carneiro*

Mestre em Literatura Brasileira – UFC

## **Resumo**

De um modo geral, o romance pós-moderno pretende representar o enigmático homem inserido em uma realidade imprecisa cujos valores refletem-se no próprio discurso ficcional. Assim, em *O Criado-Mudo*, de Edgard Telles Ribeiro, esta realidade incerta e indeterminável apresenta-se em articulações multiformes, configurando-se contradições das mais variadas ordens que refletem os conflitos que se inserem no mundo atual e na ficção que a re-cria. Engana-se quem espera apenas um crime, ou quem imagina uma sobrinha-neta contando a história de Guilhermina até o fim, pois nos deparamos com uma envolvente e elegante história que prende a atenção do leitor não só pelo seu enredo mas, principalmente, pela maneira como foi escrita (ou como é contada).

## **Palavras-chave**

Romance pós-moderno; domínio do narrador; tempo fragmentado; dança de entrelinhas

## **Resumen**

De modo general, la novela posmoderna pretende representar el enigmático hombre insertado en una realidad imprecisa cuyos valores se reflejan en el propio discurso ficcional. Así, en *O Criado-Mudo*, de Edgard Telles Ribeiro, esta realidad incierta y indeterminable se presenta en articulaciones multiformes, se configurando contradicciones de las más variadas órdenes que reflejan los conflictos que se insertan en el mundo actual y en la ficción que la re-crea. Se engaña quien espera sólo un crimen, o quien imagina una sobrina-nieta contando la historia de Guilhermina hasta el fin, pues nos deparamos con una envolvente y elegante historia que prende la atención del lector no sólo por su argumento pero, sobre todo, por la manera como fue escrita (o como es contada).

## **Palabras Claves**

Novela posmoderna; dominio del narrador; tiempo fragmentado; danza de entrelíneas

## 1 INTRODUÇÃO

A literatura pós-moderna apresenta-nos, como sua marca registrada, uma recriação de toda uma concepção do mundo atual, fragmentário e múltiplo incorporando o próprio mundo, constituindo-se o próprio texto e seu discurso na representação dessa realidade inquietante. O romance contemporâneo privilegia o mundo dos valores, desviando do centro do romance, a intriga em detrimento das personagens, para “quem as coisas acontecem”<sup>1</sup>. Assim, a ficção pós-moderna liberta-se da coação absoluta do enredo e lança novas luzes sobre a personagem, rompendo-se o equilíbrio entre o “mundo dos fatos” e o “mundo dos valores”<sup>2</sup> uma vez que se estabelece um nítido predomínio das personagens sobre os eventos.

É o que também nos acrescenta Stuart Hall: “neste final de século fala-se muito em crise de identidade do sujeito. O homem da sociedade moderna tinha uma identidade bem definida e localizada no mundo social e cultural. Mas uma mudança estrutural está fragmentando e deslocando as identidades culturais de classe”<sup>3</sup>.

Revela-se, assim, a preocupação básica do romance contemporâneo em vincular-se à esfera dos valores centrados nos personagens decorrendo daí a grande importância do discurso interior na ficção atual.

Estilhaços de pensamentos, fragmentos sem sentido, alguns fragmentos aparentemente desconexos. Tempo e espaço indefinidos constroem novos significados que podem refletir de modo convincente um mundo fragmentário e sem contornos definidos. Na atualidade, uma das discussões mais correntes gira em torno dessas características pós-modernas. Trabalhar com conceitos tão complexos e polêmicos significa ingressar no novo, descobrir valores e perscrutar inovadores caminhos.

*O Criado-Mudo* (1991) de Edgard Telles Ribeiro<sup>4</sup> é um romance que nos dá essa possibilidade de reabilitar o espanto e a admiração diante de um texto habilmente construído, em que se percebe o trabalho de um narrador requintado, cujo estilo - narrativa espontânea e linguagem refinada - envolvem o leitor do início ao fim.

A construção da narrativa do referido romance apresenta muitos elementos de prosa determinada como pós-moderna, tais como a multiplicidade lingüística, a interdisciplinaridade, a fragmentação do tempo e do espaço, entre outros, reforçando seu caráter inovador e transformador.

A nossa leitura, porém, centralizar-se-á, principalmente, em dois pontos: no domínio do narrador sobre o processo narrativo e os recursos de que se vale para tal empreendimento: o dar a voz ao outro, através da multifacetação de narradores e narrativas, aonde a verdade vai se deslocando a todo instante; e no tempo da obra de Edgard Telles Ribeiro.

## 2 O DOMÍNIO DO NARRADOR E O TEMPO NA NARRATIVA

Edgard Telles Ribeiro tem no seu primeiro romance - *O Criado-Mudo* - uma envolvente história, em que passado e presente se entrecruzam na montagem da existência de uma gentil senhora que cometeu um assassinato no início do século XX.

Seu estilo engenhoso e cativante envolvem o leitor do início ao fim do romance. O próprio título reflete o gênero de investigação, de retrospectiva, da busca predominante no romance.

A narrativa dinâmica prevalece com as modificações radicais de narradores-personagens; com a orientação da ação, com o uso dos monólogos interiores (in)diretos e dos diálogos (reconstituídos). A história, a exemplo dos romances pós-moderno, apresenta-se desarrumada, o leitor é que, à medida que vai lendo, vai ordenando os fatos.

O presente flui em vaivém para o passado, e este, em si mesmo, pode ser composto de diferentes camadas de retrospectos entrelaçados. Sob este aspecto, *O Criado-Mudo* é exemplar. O resultado dessa deliberada confusão temporal é uma espécie de colagem. Em um sentido estrutural do texto, a colagem se mantém através de elementos unificadores tais como uma figura central predominante (Guilhermina), personagens e pontos de vistas rotativos, cenários de lembranças e reconstituições. Logo o período de tempo psicológico é o maior do livro colocado dentro de um momento presente.

A respeito de extensos e prolongados retrospectos, o tempo objetivo funciona como uma força estabilizadora-chave, à qual tanto o pensamento quanto a ação retornam inevitavelmente (quer ao passado ou ao presente). Muitas vezes, tais voltas no tempo são um pouco desconexas, desenrolando-se de um modo imprevisto, sem significado, às vezes, ficando claro só após ampla leitura, conforme podemos observar quando Fernando, referindo-se à época em que tentara fazer cinema, volta ao tempo, (mais precisamente 10 anos), à década de setenta:

Minha insegurança, porém, tinha certa razão de ser. Durante seis anos, no princípio de década de setenta, eu havia estudado e tentado fazer cinema, em Los Angeles (...) Minha carreira, no entanto, se iniciara e se encerrara com aquele primeiro filme (...) A obra havia sido curta, as cicatrizes seriam eternas. (CM. p. 13)<sup>5</sup>

A progressão na arquitetura externa da narrativa de Edgard Telles Ribeiro não é cronológica. A história se delinea graficamente com clareza; e não obstante o recurso dominante do autor ao fluxo das lembranças, parte integrante do “romance psicológico” que é o seu gênero de eleição, pudesse sugerir, à primeira vista, que as divisões adotadas fossem funcionalmente questionáveis, elas não o são. Constituindo-se de hiatos em branco dentro dos capítulos (ao todo trinta e oito, curtos), de capítulos dentro das partes (três), e de partes dentro do romance, essas divisões contribuem para destacar a profunda interdependência dos personagens, elaborada ainda através dos pontos-de-vista múltiplos e dos retrospectos.

A sensação de movimento circular que o ficcionista imprime à sua história é prodigiosa, e, do ponto de vista puramente estrutural, cria a sua própria fluidez, continuidade e unidade. Assim a personagem central (Guilhermina) vai e volta psicologicamente, enquanto que Andréa e Fernando, fisicamente. Alguns dos personagens secundários aparecem primeiramente na narrativa de Guilhermina contada por Andréa e depois são encontradas por Fernando e, aí sim, surgem fisicamente em tempo real.

O ponto de vista está naturalmente entrelaçado com a estrutura interna, e, no que toca ao romance, é o fator básico de unificação. Em *O Criado-Mudo*, é Guilhermina a única força coesiva de importância, além do motivo circular e de sua tendência para a progressão linear.

Naquela mesma noite, explorando um pouco mais o filão que o destino milagrosamente abriu rente a seus pés, redobrou seus ardores, levando o exausto Comendador, cuja orelha mordera sem cessar, a cometer novas estripulias. Forçara-o a falar de seus amores antigos, de suas grandes proezas e pequenas safadezas, do que fizera, com quem, quantas vezes e com que resultados. E tantos detalhes pedira ao pobre homem que *eu próprio cortara o dedo na lata de pêssegos finalmente aberta, deixando cair um pouco de calda, sobre Andréa*. (CM, p.28) [grifo nosso] <sup>5</sup>

– Filha, deixe para amanhã. *Ela ficou bem de roupa clara e de chapéu (porque o chapéu?)* Como é bonita minha mulher. Dr. Geraldo ficou de passar negociar com o banco daqui em diante é você. (CM. p. 64-65).[grifo nosso]

Pergunto-me se não deveria, um dia mandar para Henri as cartas que seu pai escrevera a Guilhermina. *Porque não vieste ontem? A comida teria estado tão ruim assim? Que entrega é essa, logo seguida de ruptura?* (CM. p. 190) [grifo nosso]

*O Criado-Mudo* apresenta-se numa narrativa flexível, aberta, cheia de digressões, de cortes, de mistura de pensamentos, de tempo variado, em que o autor não demonstra preocupação de encadeá-los, deixando para nós, leitores, a tarefa de montá-lo, de dar-lhe sentido.

### 3 CONCLUSÃO

Como vimos, procuramos realizar, nesse trabalho, uma análise dos aspectos de literatura pós-moderna no romance *O Criado Mudo* de Edgard Telles Ribeiro, sem deixarmos de observar o estilo engenhoso e cativante em que a obra foi escrita. Assim, visto em seu conjunto, o romance envolveu-nos em uma verdadeira dança de entrelinhas, transmitidos com sinceridade, empatia e, especialmente, versatilidade. A linguagem utilizada por Edgard Telles Ribeiro é clara e direta, espontânea em seus diálogos, lírica em suas descrições; os personagens germinam e se desenvolvem na sua própria verossimilhança; os temas fluem das personagens, mas do que o contrário; e o tempo é usado de modo a melhor moldar o todo, particularmente reforçando o tema e/ou a estrutura.

Percebemos também que, nos romances “pós-modernos”, os estados de consciência são apresentados mas não decifrados, cabendo ao leitor o exercício de uma participação consciente, que o exorte a ir um pouco além da página impressa. À primeira leitura, a obra confunde o leitor que, em lugar de sensação de segurança e domínio, vai experimentar, como narratário - leitor participante do texto - juntamente com os personagens, a insegurança e a incerteza de uma realidade flutuante.

A angústia, e solidão, o medo, e injustiça e o sofrimento estão presentes, com frequência, na temática contemporânea não somente para expressar a perplexidade e a fragilidade do homem diante da falência de antigos valores, mas também como um modo de intensificar as situações de conflito.

Por outro lado, romances em que a ação organiza-se numa elegante e inebriante história - como n’*O CM*, por exemplo - utilizam-se dos fatos como pretextos para que se possam compreender as personagens, em sua densidade psicológica. Debatendo-se num mundo de

aparências, o homem vê-se sufocado pelas pressões e injustiças de uma realidade fragmentada e multifacetada, onde coexistem grandes injustiças, concretizadas nas profundas diferenças sociais e nas lutas entre opressores e oprimidos.

*O CM* consegue representar o mundo fragmentado, dividido entre essência e aparência, através de seu próprio discurso, com sua narrativa, e meta-narrativa, estrutura fragmentada, ficando ao narratário a montagem pessoal da diégese ficcional. Os personagens assumem o primeiro plano, como já vimos, com seus discursos e suas vidas. Nós, leitores, podemos nos encontrar à procura da unidade perdida e reencontrada nos diversos momentos de nossas vidas e nas diversas leituras do romance que modeliza a perplexidade dos dias em que vivemos e a complexidade do mundo atual.

*O Criado-Mudo* é, assim, uma obra que oferece diversas opções, possibilidades para o desenvolvimento de análises outras e por isso estamos longe de ter esgotado toda sua potencialidade.

#### **Notas:**

<sup>1</sup>TORRES, Alexandre P. “Sociologia e Significado do Mundo Romanesco de José Cardoso Pires” In: *O Anjo Acorado*, 1977.

<sup>2</sup>Id Ibid., p.154.

<sup>3</sup>HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

<sup>4</sup>RIBEIRO, Edgard Teles. *O Criado-Mudo*. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora 34. 1996.

<sup>5</sup>Id. Ibid.